

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)**  
**– A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE**  
**28 de setembro de 2020**

**TO DIE FOR / 1995**  
**(Disposta a Tudo)**

*Um filme de Gus Van Sant*

*Realização:* Gus Van Sant / *Argumento:* Buck Henry, baseado num livro de Joyce Maynard, *To Die For: A Novel* / *Produção:* Laura Ziskin / *Coprodução:* Sandy Isaac e Leslie Morgan / *Montagem:* Curtiss Clayton / *Música:* Danny Elfman / *Direção de Fotografia:* Eric Alan Edwards / *Produção Executiva:* Jonathan Taplin e Joseph M. Caracciolo / *Interpretações:* Nicole Kidman (Suzanne Maretto), Joaquin Phoenix (Jimmy Emmett), Casey Affleck (Russel Hines), Illeana Douglas (Janice Maretto), Alison Folland (Lydia Mertz), Dan Hedaya (Joe Maretto), Wayne Knight (Ed Grant), Kurtwood Smith (Earl Stone), Holland Taylor (Carol Stone), Maria Tucci (Angela Maretto), Susan Traylor (Faye Stone), Tim Hopper (Mike Warden), Michael Rispoli (Ben DeLuca), Matt Dillon (Larry Maretto), Buck Henry (Mr. H. Finlaysson), George Segal (Conferencista), David Cronenberg (Homem no Lago), Rain Phoenix (Miúda na Banda) /  *Casting:* Howard Feuer / *Direção Artística:* Missy Stewart / *Guarda-roupa:* Beatrix Aruna Pasztor / *Cópia:* 35 mm, falada em inglês, com legendas em português / *Duração:* 106 minutos / *Estreia Mundial:* 20 de maio de 1995, Festival de Cinema de Cannes / *Estreia Nacional:* 10 de novembro de 1995, Amoreiras/Monumental/Quarteto / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: a cópia, proveniente do circuito comercial, denota já algum desgaste em projeção, traduzindo-se este na existência de riscos na imagem. Alerta-se ainda para a existência de algumas quebras a negro entre os rolos.

\*\*\*

Ela era pura, delicada, inocente, limpa, um anjo na Terra. Pelo menos até ter mandado matar o seu marido a sangue-frio. O motivo para tão hediondo crime? Um tesouro muito precioso, que nenhum dinheiro pode comprar: aparecer na televisão, o que não é sinónimo de ser famoso, mas simplesmente de existir, de ser uma pessoa de jeito nesta sociedade em que todos estamos *mortinhos* por obter os sacrossantos, tal como diagnosticados por Andy Warhol, “15 minutos de fama”. Suzanne queria ter a sua oportunidade como apresentadora de TV e poder ser “a próxima Barbara Walters”. Um ano antes de **To Die For**, John Waters filmara uma dona-de-casa ideal, que, afinal, era uma homicida carniceira, entretanto transformada numa heroína *soap* nas *local news*. Um ano depois de **To Die For**, Ben Stiller viria a criar uma personagem, um “monstro que precisa de amigos”, cujo único idioma que dominava provinha dos *talk* e *reality shows* da TV por cabo. Entre **Serial Mom** (1994) e **The Cable Guy** (1996), está uma fura-vidas interpretada por Nicole Kidman, máscara tenebrosa que personifica a ambição do homem – ou da mulher – comum: ser uma *persona* mediática capaz de alimentar a admiração, a inveja e as coscuvilhices das pessoas que meramente *existem* no mundo e se conformam com essa existência pequena porque anónima.

É interessante que, passados vinte anos, Nicole Kidman reconheça, numa conversa com Casey Affleck, estreante em **To Die For** com apenas 17 anos, como ninguém na indústria de Hollywood acreditava que ela pudesse “ser aquela pessoa”. Assistimos, neste filme de Gus Van Sant, ao relato em torno de uma intensa e (na realidade, pouco) gradual despersonalização de Suzanne, da rapariga que sonha aparecer no pequeno ecrã até à mulher que tudo fará para se eternizar – leia-se, *congelar* – no imaginário coletivo, seja pelas boas, seja pelas más razões – a questão ética nunca foi uma verdadeira questão no universo poluído da televisão, não é verdade? A sua personagem – como a do citado filme de Waters – é um autómoto ao serviço de um sonho de cartão, parecendo ter saído de um “quadro fotográfico” de Cindy Sherman, qual boneca grotesca produzida por uma cultura inebriada pela existência titilante, feita de minúsculos pontinhos negros, disparada pelo ecrã ou primeiras páginas dos jornais. Um certo tom fatalista predomina logo nos minutos iniciais desta história (argumento escrito por Buck Henry, aqui também na qualidade de ator, a partir do caso real da professora de liceu Pamela Smart, condenada por conspirar com quatro adolescentes para matar o marido): o dispositivo de falso documentário inscreve, na pele do filme, o destino das nossas personagens. E desde o início que Suzanne é como uma boneca que se automanobra – e autodeslumbra – no sentido de atingir o estrelato mediático.

Kidman disse então, naquele conversa posta no YouTube em 2016, que queria provar ser capaz de interpretar “aquela pessoa”. Quase apetece pegar nestas palavras e reformulá-las em benefício de uma leitura possível do filme: a dificuldade deste papel – que fora oferecido a algumas atrizes então mais cotadas de Hollywood, como Meg Ryan ou Uma Thurman ou ainda Melanie Griffith – radicava na aparentemente absoluta falta de humanidade desta personagem. Tudo nela conduzia – lá está, *fatalmente* – a uma redução ao grotesco e à caricatura. À atriz que ficasse com o papel cabia a difícil missão de dar uma certa “humanidade *apesar de tudo*” a esta boneca sinistra – nem de propósito, Kidman viria a protagonizar o *remake* de 2004 de **The Stepford Wives** (1975), esse pesadelo da classe alta americana sobre “mulheres perfeitas”, isto é, *perfeitamente robotizadas* por um *American Dream* exclusivo para homens.

Para Gus Van Sant, o desafio não era muito diferente do de Kidman: precisava de encontrar drama num filme sob o risco de sucumbir à comédia negra mais indiferente. Ou, pondo de outro modo: Van Sant não queria ser John Waters ou tão-pouco Ben Stiller. Com efeito, como escreve Adrian Martin (março de 1998) a propósito do filme que projetaria definitivamente o nome de Van Sant no *mainstream*, **Good Will Hunting** (1997), não eram afinal dramas os principais títulos que este cineasta rodara até então? Falamos de títulos que vão de **Mala Noche** (1986) a **To Die For**, passando por **Drugstore Cowboy** (1989) e **My Own Private Idaho** (1991), não esquecendo – ou, na realidade, querendo muito esquecer, mas sem conseguir – o filme anterior a **To Die For**, o inenarrável **Even Cowgirls Get the Blues** (1993), objeto estranhíssimo que provou à saciedade a inaptidão de Van Sant para a comédia mais desabrida. Posto isto, concordo que o drama tende a impregnar os seus melhores filmes – é, digamos assim, a sua costura. Pergunta, por isso, Adrian Martin: não se relacionam estes dramas, enfim, “com o que é perverso, inadaptado, antissocial e mesmo inumano no comportamento das pessoas comuns?”

A “loura sedutora” Suzanne persegue a fama, mas antes Kidman perseguiu Suzanne como a oportunidade de uma vida: “Telefonei a Gus e pedi: por favor, dá-me uma oportunidade”, confidenciou na mesma conversa. Já para Casey Affleck, foi motivo para apresentar o irmão, Ben, e o amigo Matt Damon a Van Sant – os dois seriam argumentistas, e oscarizados, do referido **Good Will Hunting**, sobre um génio inadaptado (Damon) à procura de alguma forma de conforto humano na sua vida –, tal como o próprio Casey e Damon iriam interpretar um dos mais belos filmes de Van Sant, **Gerry** (2002). Para o imberbe Joaquin Phoenix, e não destoando, **To Die For** constituiu uma espécie de furo: aquando do lançamento de **Don’t Worry, He Won’t Get Far on Foot** (2018), que marcou o reencontro com Gus Van Sant e narra a história de John Callahan, um alcoólico numa cadeira de rodas que atingiu a fama como um cartoonista manifestando uma especial queda para o humor negro, contou como este filme representou um momento decisivo na sua carreira, tendo passado de *child ator* a um ator amadurecido capaz de aprender com os – e finalmente crescer a partir dos – seus erros. Também Kidman apreciou essa qualidade em Gus Van Sant: o seu rigor – Casey Affleck lembra, com nostalgia, um tempo em que havia ensaios antes das rodagens – em aliança com a liberdade – a margem ou espaço de manobra – que dava e dá aos atores para poderem errar à vontade, isto é, serem espontâneos e criativos *on set*.

Outro aspeto interessante, em jeito de sinal ou premonição: no desastroso filme anterior de Gus Van Sant, este fazia acompanhar o seu nome da abreviatura “Jr.”. Em **To Die For**, um simplesmente nomeado “Gus Van Sant” assume a sua maturidade, lançando um olhar provocador sobre a adolescência e uma sociedade domada por uma cultura vã, que entroniza as aparências e desvaloriza os sentimentos e a ética. Estamos ainda longe do brilhantismo da “Palma de Ouro” **Elephant** (2003) – olhar implacável e justíssimo, baseado no massacre real de Columbine, sobre esta mesma sociedade e os seus perversos mecanismos de anulação do “eu” – mas **To Die For** é o filme necessário na obra de Van Sant, que vem testar, dramaticamente embora *numa comédia*, a sua capacidade para alternar registos, entre o estilo experimental, *underground*, e as receitas de género da indústria. O combate de Van Sant sempre se fez numa terra de ninguém, num limbo privado, muito particular, que é simultaneamente generoso e implacável, doce e raivoso. Mesmo quando não realiza obras-primas – **To Die For** está longe de o ser –, o temperamento e a fibra poética são facilmente identificáveis.

Luís Mendonça